

BREVE SÍNTESE HISTÓRICA



Áudio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aOv6a7um-0s>.

Acesso em: 03 set. 2019. Extraído de: "Chopping Hollow Tree Sound Effects"

(Sistematização dos dados: Mariana Bicalho Camelo)

Durante o século XVIII, período em que a exploração aurífera mais se destacou em Minas Gerais, é possível constatar enorme mudança no território e paisagem da região. Encostas de morros e margens dos rios eram ocupadas e exploradas, seja em função da extração mineral, seja pela necessidade de produção de alimentos para uma população que não cessava de aumentar. Esse processo pode ser percebido também nos entornos do rio Gualaxo do Norte, local onde a atividade mineradora predominou por um longo período de tempo, em paralelo à atividade agrária. Mas para abertura e manutenção das roças, foi promovida a derrubada das matas originais:

[O] ambiente dos 'matos gerais' tinha sido transformado e, na maioria das vezes, destruído desde o início do século XVIII. Vegetação arbustiva e rasteira tinha substituído as matas; campos artificiais onde prolifera o capim-gordura tornaram-se comuns na paisagem de antigas povoações mineiras. A erosão de uma terra desprotegida da vegetação original criou espaços estéreis ou áridos. As margens e leitos dos rios tinham sido remexidos, transformando o curso d'água e diminuindo o fluxo (ANDRADE, 2008, p. 56).

Atualmente, a prática de derrubadas de matas ainda perdura, visando a plantação de algum produto no terreno (café, milho etc.), ou o estabelecimento de pastagens para o gado (a pecuária é bastante forte no entorno do rio Gualaxo do Norte), ou ainda a venda de madeira (muitos produtores plantam árvores, sobretudo o eucalipto, a fim de proceder a seu corte e venda), além da própria atividade mineradora. Essas práticas prejudicam o meio ambiente, a exemplo das matas ciliares próximas ao Gualaxo, como também interferem no cotidiano de populações que residem nos entornos dessas localidades, inclusive comunidades indígenas. Assim,

A mineração no país, como foi possível perceber com o rompimento da Barragem de Fundão, deixa marcas profundas, apesar dos ganhos econômicos. [...] 'no Brasil, os principais problemas oriundos da mineração podem ser englobados em quatro categorias: poluição da água, poluição do ar, poluição sonora e subsidência do terreno' (FARIAS apud BRASIL; PIRES, 2017, p. 5).

Após a queda da Barragem de Fundão, devido às pressões dos movimentos sociais e ambientais, de forma articulada à atuação do Ministério Público, vêm sendo promovidas medidas voltadas ao reflorestamento

da região.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Francisco Eduardo. Entre a roça e o engenho: roceiros e fazendeiros em Minas Gerais na primeira metade do século XIX. Viçosa: Ed. UFV, 2008. p. 56.

BRASIL, Luana Melody; PIRES, Victor. O que a lama nos deixou: reflexões sobre a tragédia de Mariana, a mídia e a mineração no Brasil. *Chronique des Amériques*, v. 17, n. 3, Août 2017.



HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SONS



“No dia seguinte, continuei a viagem para a aldeia de Bento Rodrigues, a princípio caminhando pelo vale pantanoso de um pequeno riacho que corre para o Carmo entre montanhas cobertas de mato de moderada altura; mas dentro em pouco, a estrada, virando para a direita, sobe uma dessas colinas e continua durante muitas milhas sobre terreno elevado. [...] Muitas partes da região entre Mariana e Bento Rodrigues são cobertas de espessas florestas que, no entanto, não têm o exuberante desenvolvimento das matas da Serra do Mar, e contêm uma maior proporção de árvores decíduas, porém se assemelham mais com estes do que os pequenos bosques dos campos. Outras partes são desprovidas de árvores e cobertas do grande feto (samambaias) que já mencionei antes, ou de uma gramínea viscosa, capim melado. Estas duas plantas [...] são eminentemente sócias, espalhando-se se por grandes trechos de terreno e dizem que só dão onde antigamente existiam florestas. Com efeito, não é sem probabilidade que toda essa região a leste da serra do Caraça tenha sido outrora coberta de matas”.

Referência bibliográfica: BUNBURY, Charles James Fox. Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833-1835).

Introdução Rodolfo Garcia; tradução de Helena Garcia se Souza; revisão da tradução por José Augusto Garcia de Souza. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. p. 72.

“Após arrasar Bento Rodrigues, a onda continuou seu rastro de destruição rasgando as margens do rio Gualaxo, fazendo estragos nos povoados por onde passava. A árvore, fincada no caminho, inexplicavelmente resistiu à força da enxurrada e manteve-se firme, altiva e solitária. Nunca mais passarinhos farão seus ninhos ali, nem crianças brincarão nos seus galhos. A lama que tingiu o seu tronco tornou-se um perigo para a vida de pessoas e animais. A árvore, agora, é apenas um triste marco da altura que a avalanche alcançou”.

Referência bibliográfica: INSTITUTO MOREIRA SALLES. A lama: de Mariana ao mar. Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/a-lama-de-mariana-ao-mar/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

“Nosso território, nossas florestas, foram devastados. O gado entrou lá no começo do século 20. A única coisa que os mineiros sabiam fazer era derrubar mata, botar boi e fazer garimpo. Os nossos parentes Maxacali continuam até hoje cercados

por todas aquelas fazendas, sendo moídos por aquela violência colonial em volta deles. Mas 90% deles não falam português e se negam a aprender português – como uma maneira de continuar vivendo neste mundo, que são capazes de recriar todo dia. Eles dão nome a todas as plantas e animais que existiram naquela paisagem antes de ela ser destruída. Cantam para eles, invocam a presença deles e criam um mundo animado para poder habitar. Os Krenak foram várias vezes arrancados da beira do rio e jogados em outros sítios, outros lugares, e tivemos que fazer o mesmo. Tivemos que criar um mundo para poder habitar, paralelo a este que vocês habitam no cotidiano. É uma orientação que pode ser pensada como mágica, mas na verdade é o nosso modo de vida. Enquanto perseverarmos nele, vamos continuar sendo quem somos. Essa experiência de experimentar uma consciência coletiva é o que orienta as minhas escolhas”.

Referência bibliográfica: MASSUELA, Amanda; WEIS, Bruno. O tradutor do pensamento mágico. Revista Cult. Entrevista com Ailton Krenak. 04 nov. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/>. Acesso em: 02 mar. 2021.



Défrichement d'une forêt. [Derrubada de uma floresta]. Johann Moritz Rugendas. Entre 1827 e 1835.

Imagem em domínio público.

Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/19495/defrichement-dune-foret>. Acesso em: 19 mar. 2021.



Nas margens, pilhas de rejeitos ainda se acumulam. Material é carregado com a água durante as cheias. Fotografia: Leandro Couri/Em/D.A Press. Reportagem de 2016.

Foi solicitada autorização para reprodução da imagem

Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/05/01/inter-na_gerais,758078/expedicao-pelo-rio-gualaxo-do-norte-mostra-impactos-da-lama-vinda-de-m.shtml . Acesso em: 08 fev. 2021.



Reflorestamento da Bacia do Rio Doce. 2020.
Foi solicitada autorização para reprodução da imagem.

Disponível em: <https://www.fundacaorenova.org/noticia/agricultores-de-mariana-e-barra-longa-mg-vao-contribuir-para-reflorestamento-da-bacia-do-rio-doce/>. Acesso em: 20 abr. 2021.